◄ Filipenses 3:10 ►

Para que eu o conheça, e o poder de sua ressurreição e a comunhão de seus sofrimentos, tornando-se conforme à sua morte;

Ir para: Alford, Barnes, Bengala, Benson, BI, Calvin, Cambridge, Crisóstomo, Clarke, Darby, Ellicott, Expositor, Exp Dct, Exp Grct, Gaebelein, GSB, Gill, Cinza Haydock • Hastings • Homilética • ICC • JFB • Kelly •

EXPOSITOR (BÍBLIA INGLESA)

Comentário de Ellicott para leitores em inglês

(10) Inseparavelmente conectado à posse dessa "justiça de Deus" está o conhecimento de Cristo, ou mais exatamente, o ganho do conhecimento de Cristo (ver Filipenses 3: 8), em conformidade com Seu sofrimento e morte, e também para a sua ressurreição. Essa

para a sua ressurreição. Essa "conformidade com a imagem de Cristo" (Romanos 8: 29-30) - com a qual compara o fato de ter "Cristo formado dentro de nós" em Gálatas 4:19) - é feita por São Paulo a substância da graciosa predestinação de Deus , precedendo a chamada, a justificação, a glorificação, que marcam as várias épocas da vida cristã.

(10, 11) A ordem desses versículos é notável e instrutiva. (1) Primeiro vem o conhecimento do “poder da Ressurreição”. O que é isso que vemos ao examiná-lo como

historicamente o principal assunto da primeira pregação apostólica. Aí é considerado, como nos primeiros sermões de São Pedro, dar o sincero "perdão" ou "apagar os pecados" e o "dom do Espírito Santo" (Atos 2:38 ; Atos 3:13 ; Atos 3:26), ou, como São Paulo expressa, de "justificação de todas as coisas" (Atos 13: 38-39). Essa mesma idéia é desenvolvida plenamente em suas epístolas. Assim, por exemplo, sem ele (1 Coríntios 15:17) "ainda estamos em nossos pecados". É o penhor de nossa justificação (Romanos 5: 1) e o meio de estarmos

vivos para Deus" (Romanos 6 11). Portanto, "o poder", ou *eficácia,* "de Sua ressurreição" é a justificativa e a regeneração inseparáveis dela, que estão na entrada da vida cristã. (2) A seguir vem a "participação de Seus sofrimentos" e a "conformidade com Sua morte", que são "tomar a cruz e segui-Lo", na obediência até a morte. Essa "comunhão de sofrimentos", proveniente em parte do pecado de outros, em parte do nosso, é o tema constante do Novo Testamento. (Ver 1 Pedro 4:13 ; Romanos 8:17 ; 2 Coríntios 1: 5 ; Colossenses 1:24 ; 2 Timóteo

Colossenses 1:24 ; 2 Timóteo 2:11 .) A “conformidade com a Sua morte” é a conclusão da morte para o pecado, descrita como “mortificação” de pecado (Colossenses 3: 5); “ Levando no corpo a morte (ou, apropriadamente, *mortificação*) do Senhor Jesus” (2 Coríntios 4:10); ou mais frequentemente como sendo "crucificado com Cristo", "o mundo para nós e nós para o mundo" (Gálatas 2:20 ; Gálatas 5:24 ; Gálatas 6:14). (3) Por fim, vem a “realização da ressurreição dos mortos”, propriamente, “a ressurreição *dos* mortos”, que é (ver Lucas 20:35) a ressurreição para a

vida e a glorificação Nele, tão nobremente descrita abaixo (Filipenses 3: 20-21). "Se tivermos sido plantados juntos à semelhança de Sua morte, também estaremos à semelhança de Sua ressurreição" (Romanos 6: 5). A respeito de nossa ressurreição (ver 1 Coríntios 15: 12-23) Sua ressurreição não é apenas a promessa, mas a fervorosa. Observe como em 1 Tessalonicenses 4: 14-18 e 1 Coríntios 15: 51-57 , toda a descrição é apenas da ressurreição para a vida e compare a primeira ressurreição

de Apocalipse 20: 6 . Esta é a conclusão de tudo; São Paulo não se atreveu ainda a antecipá-lo com a confiança que daqui em diante acalmou sua hora da morte (2 Timóteo 4: 7-8).

Filipenses 3: 12-16 nos leva da advertência contra a confiança no mérito humano a depreciar a suposição de uma perfeição aqui alcançada, mesmo em Cristo. A transição é natural. O mesmo espírito que se mostra indiscutivelmente em uma pretensão, sai meio oculto na outra.

Exposições da MacLaren

Filipenses

ECONOMIZANDO CONHECIMENTO

Php 3: 10-11 {RV}.

Vimos como o apóstolo estava preparado para encerrar sua carta no início deste capítulo e como essa intenção foi varrida pela onda de novos pensamentos. Sua fé fervorosa pegou fogo quando ele se voltou para pensar no que havia perdido e em como infinitamente mais ganhara em Cristo. Sua riqueza é tão grande que não pode ser acumulada no

espaço estreito de uma frase curta e, depois de todas as palavras brilhantes que precedem nosso texto, ele sente que ainda não apresentou adequadamente suas posses atuais ou seus objetivos finais. Então, aqui ele continua o tema que poderia ter sido tratado mais plenamente nos grandes pensamentos que nos ocuparam no antigo sermão, mas que ainda esperam ser concluídos aqui. Eles estão mais intimamente ligados ao primeiro, e a unidade da sentença é apenas um paralelo à unicidade da idéia. Os

elementos de nosso texto atual fazem parte do objetivo do apóstolo na vida e podem ser tratados como tal.

I. O objetivo da vida de Paulo era o conhecimento de Cristo.

Isso soa como um anticlímax depois de 'Ganho' e 'Estar nele'. Essas frases parecem expressar uma relação muito mais íntima do que essa, mas devemos observar que não se trata de mero conhecimento teórico ou intelectual. Tal conhecimento não precisaria se render ou sofrer 'a perda de todas as coisas'. Só podemos comprar o conhecimento de Cristo a esse

conhecimento de Cristo a esse ritmo, mas podemos comprar conhecimento sobre Ele muito mais barato. Esse conhecimento não valeria o preço; está na superfície da alma e não faz nada. Muitos homens entre nós o têm e isso não lhe serve de nada. Se Paulo havia sofrido tudo o que havia sofrido e sacrificado tudo o que havia desistido, e por sua recompensa apenas ter adquirido conhecimento exato sobre Cristo, certamente havia desperdiçado sua vida e fez uma barganha ruim. Mas, como sempre, então aqui, conhecer significa conhecimento baseado

na experiência. Cristo quis dizer que um credo correto era a vida eterna quando disse: 'Esta é a vida eterna para conhecer a Ti, o único Deus verdadeiro e Jesus Cristo a quem você enviou?' Paulo quis dizer a luz seca do entendimento quando orou para que os efésios conhecessem o amor de Cristo que ultrapassa o conhecimento, a fim de serem preenchidos com toda a plenitude de Deus? Claramente, temos que ir muito mais fundo do que essa interpretação superficial, a fim de alcançar a realidade da concepção de conhecimento do

Novo Testamento. É co-extensivo com a vida e é construído sobre a experiência interior. Em uma palavra, é um aspecto da conquista de Jesus. É a consciência contemplando suas riquezas, contando seus ganhos. Como um homem conhece a felicidade do amor dos pais ou do casal apenas por tê-lo, ou como conhece o gosto do vinho apenas por beber, ou a glória da música apenas por ouvi-lo, e o brilho do dia apenas por vê-lo, portanto, conhecemos a Cristo apenas ao conquistá-lo. Primeiro deve haver a percepção e posse pelo sentido

ou emoção, e depois a reflexão sobre a posse pelo entendimento. Isso se aplica a toda verdade religiosa. Deve ser possuído antes de ser totalmente conhecido. Como o novo nome escrito na pedra apocalíptica, 'ninguém sabe senão aquele que a recebe'.

O conhecimento que era o objetivo da vida de Paulo era o conhecimento de uma Pessoa: o objeto determina a natureza do conhecimento. O ato mental de conhecer uma proposição ou uma ciência ou mesmo de conhecer uma pessoa ao ouvi-la é diferente do de conhecer

pessoas quando vivemos ao lado delas. Não precisamos ter medo de atribuir um significado muito familiar a essa palavra do nosso texto, se dissermos que isso implica um conhecimento pessoal do Cristo que conhecemos. É claro que o conhecemos em primeira instância por meio de declarações sobre Ele, e não podemos insistir muito, nestes dias de críticas destrutivas, na absoluta necessidade de aceitar as declarações do Evangelho quanto à vida de Jesus como o único método possível de conhecê-Lo. Mas, além dessa

aceitação do registro, deve haver a aplicação e apropriação dele, e a transmutação de um fato histórico em uma experiência pessoal. Podemos tirar uma ilustração de qualquer uma das verdades das Escrituras sobre Jesus: - Por exemplo, as Escrituras declaram que Ele é nosso Redentor. Um homem acredita que Ele é assim, recebe-O em sua vida como tal, e acha que Ele é assim. Outro homem acredita que Ele é assim, mas nunca põe à prova seu poder redentor. O conhecimento desses dois é justamente chamado pelo mesmo nome? O que vem depois da experiência

que vem depois da experiência certamente não é corretamente designado pelo mesmo título que aquele que não tem vivificação nem verificação de um tipo para construir, e é o mero produto do entendimento. Não há nada que a grande massa dos chamados cristãos precise mais do que forçar em seus pensamentos a diferença entre esses dois tipos de conhecimento de Cristo. Existem milhares deles que, se perguntados, estão prontos para professar que conhecem Jesus, mas a quem Ele nunca foi nada além de um artigo parcialmente entendido de um

descuido por credo e nunca esteve em contato vivo com suas necessidades, nem conhecido por sua força na fraqueza, seu consolador na tristeza, "sua vida na morte", tudo em tudo.

Aprofundar que o conhecimento experimental de Jesus é um objetivo digno para toda a vida e é um processo que pode durar indefinidamente durante tudo isso. Conhecê-Lo cada vez mais é ter mais do céu em nós. Estar penetrando cada vez mais profundamente em Sua plenitude, e encontrando a cada dia novas profundezas para

dia novas profundezas para penetrar é ter uma fonte de frescura em nossos dias empoeirados que nunca falharão ou secarão. Existe apenas uma pessoa inesgotável, e isso é Jesus Cristo. Temos toda a plenitude em nosso Senhor: já recebemos tudo quando O recebemos. Estamos avançando na experiência que é o pai de conhecê-Lo? Novas descobertas nos encontram todos os dias como se fossemos exploradores em uma terra virgem? Ter isso para o nosso objetivo é suficiente para satisfação, bem-aventurança e crescimento. Conhecê-Lo é uma educação

liberal.

II Esse conhecimento envolve conhecer o poder de Sua ressurreição.

O poder de Sua ressurreição é uma expressão que cobre um terreno amplo. Existem vários poderes distintos e bem marcados atribuídos a ele nos escritos de Paulo. Tem uma força demonstrativa em referência à pessoa e obra de nosso Senhor. Pois Ele é por isso 'declarado ser o Filho de Deus com poder'. Que ressuscitar dentre os mortos, tomado em conjunto com o fato de que Ele

não morre mais, mas subiu ao alto, e em conjunto com Suas próprias palavras a respeito de Si Mesmo e Sua Ressurreição, O expõe diante do mundo como o Filho de Deus , e é a solene aprovação e aceitação divina de Sua obra.

Tem um poder revelador em relação à condição da humanidade na morte. É o único fato que estabelece a imortalidade, e que não apenas a estabelece, mas lança alguma luz sobre a maneira como ela é praticada. A possibilidade de vida pessoal após e, portanto, na morte, a continuidade

ininterrupta do ser, a possibilidade de uma ressurreição e uma glorificação dessa estrutura corporal, com todas as conseqüências de longo alcance dessas verdades no triunfo que dão sobre a morte , no suporte e na substância que dão à idéia sombria da imortalidade, no lugar elevado que atribuem à estrutura corporal e na concepção que dão da perfeição do homem como consistindo em corpo, alma e espírito - esses pensamentos lançaram luz sobre toda a escuridão da sepultura, estreitaram para uma

mera faixa costeira os limites do reino da morte, proclamaram o amor como o vencedor em sua disputa com aquele horror encoberto. A base de todos eles é a ressurreição de Cristo; seu poder a esse respeito é o poder de iluminar, consolar, certificar, arrancar o cetro das mãos da morte e colocá-lo nas mãos trespassadas do Vivo que estava morto e é o Senhor dos dois mortos. e os vivos.

Além disso, a Ressurreição é tratada por Paulo como um poder para nossa justificação, na medida em que o Senhor ressuscitado nos concede, por

Sua vida ressuscitada, as bênçãos de Sua justiça. Paulo também representa a ressurreição de Cristo como tendo o poder de acelerar nossa vida espiritual. Não preciso gastar tempo citando as muitas passagens em que Sua ressurreição dos mortos e Sua vida após a Ressurreição são tratadas como o tipo e padrão de nossas vidas: e não são apenas consideradas como padrão, mas também como o poder. pelo qual essa nossa nova vida é trazida. Ele tem o poder de nos elevar da morte do pecado e nos levar a uma nova

vida do Espírito. E, finalmente, a Ressurreição de Cristo é considerada como tendo o poder de elevar Seus servos da sepultura para a plena posse de Sua própria vida gloriosa, e assim é o poder de nossa vitória final sobre a morte.

Agora, não sei se temos o direito de excluir qualquer um desses poderes da vista. As palavras amplas do texto incluem todas elas, mas talvez as duas últimas sejam principalmente significadas e, principalmente, as primeiras.

A vida ressuscitada de Cristo nos

acelera e nos eleva, e isso não apenas como um padrão, mas como um poder. Somente se estivermos Nele é que existe uma unidade de vida tão real entre ele e nós que entra em nós um pouco da sua própria vida.

A vida ressuscitada do Salvador, que compartilhamos se o temos, entra em nossa natureza como fermento nas três medidas da refeição; transformando e acelerando, dá novas direções, gostos, motivos, impulsos e poder. Ela nos pede e nos inclina a procurar as coisas que estão no alto, e sua grande exortação

aos corações em que habita, a se fixar ali e a abandonar as coisas que estão na terra, se baseia no fato de que elas morreram e 'a vida deles está oculta com Cristo em Deus'. Sem esse fermento, a vida que vivemos é uma morte, porque é vivida nas 'concupiscências da carne', realizando os desejos da carne e da mente. Não existe uma união real com Jesus Cristo, da qual a questão direta não é uma experiência viva do poder de Sua Ressurreição, para nos levar à semelhança de si mesmos em relação à nossa liberdade da escravidão ao

pecado e à nossa apresentação a nós mesmos. Deus vivo dos mortos, e nossos membros como instrumentos de justiça para Deus. É um pensamento solene que todos precisamos pressionar em nossas consciências, que o único sinal infalível de que, de alguma forma, fomos convividos com Cristo e ressuscitados com Ele é que deixamos de viver nos desejos de nossa carne, fazendo os desejos da carne e da mente. A vida ressuscitada de Jesus pode aumentar indefinidamente, e o fará na medida em que honestamente consideramos como objetivo de

consideramos como objetivo de nossa vida conhecê-Lo e o poder de Sua Ressurreição.

III A experiência do poder da ressurreição de Cristo é inseparável da comunhão de Seus sofrimentos.

Não devemos supor que as palavras solenes e terríveis de Paulo aqui se infiltrem no menor grau na inacessibilidade solitária da morte de Cristo. Ele teria respondido, como de fato responde, ao apelo do sofredor profético: 'Veja e veja se há alguma tristeza semelhante à minha' com o negativo mais forte. Nenhum outro lábio

humano jamais provou, ou pode provar, um copo de amargura que Ele drenou para todos nós, e nenhum outro lábio humano jamais foi tão requintadamente sensível à amargura que bebeu. A identificação de Si mesmo com um mundo pecaminoso, a profundidade e proximidade de Sua comunidade de sentir com toda a tristeza, a consciência da glória que Ele havia deixado e o sentimento perpétuo da hostilidade em que Ele havia entrado, estabeleceu os sofrimentos de Cristo por si mesmos. tão certo quanto os efeitos que deles decorrem

declaram que não precisam de repetição e não podem ser degradados por nenhum paralelo enquanto o mundo durar.

Porém, Sua morte, como Sua ressurreição, é apresentada nas Escrituras como sendo um tipo e poder nosso. Temos que morrer para o mundo pelo poder da cruz. Se realmente confiarmos em Seu sacrifício, operará sobre nós motivos que nos separam e nos separam de nossos velhos eus e do mundo antigo. Uma mudança fundamental, ética e espiritual é realizada em nós através da fé. Nós estávamos

mortos no pecado, estamos mortos no pecado. Temos que misturar os dois pensamentos da vida cristã como sendo uma morte diária e uma ressurreição contínua, a fim de obter toda a verdade do duplo aspecto dela.

Pode ser uma pergunta se o Apóstolo está aqui se referindo a mágoas externas ou internas e éticas, mas talvez não devamos fazer justiça ao pensamento, a menos que o estendamos para abranger ambos. Certamente, se sua teologia era apenas a generalização de sua experiência, ele possuía amplo

material em sua vida diária para conhecer a comunhão dos sofrimentos de Cristo. Um de seus pensamentos mais recorrentes e mais queridos é que sofrer por Cristo é sofrer com Cristo, e nele ele nos encontrou e nos ensina a encontrar força para perseverar e paciência para superar todas as tristezas que possam surgir sobre nós como pássaros de presa porque somos cristãos. Felizes seremos se os sofrimentos de Cristo forem nossos, porque é a nossa união com Ele e a nossa semelhança com Ele, não com nós mesmos, nossos pecados ou nossa

nossos pecados ou nossa mundanidade, que é a ocasião deles. Há uma velha lenda de que Pedro foi crucificado de cabeça para baixo, porque se sentia indigno de ser como seu mestre. Podemos muito bem achar que nada que possamos suportar por Ele é digno de ser comparado com o que Ele nos deu, e ficarmos mais impressionados com a grandeza da condescendência e a humildade do amor que considera nossa leve aflição, que é apenas por um momento, juntamente com o peso pesado que Ele carregava, e a questão abençoada que supera o tempo

e enriquece a eternidade.

Mas há outro sentido em que é um objetivo digno de nossas vidas que nossos sofrimentos possam ser sentidos como comunhão com os Seus. Essa é uma tristeza abençoada que nos aproxima de nosso Senhor. Essa é uma tristeza saudável, cuja questão é uma fé mais intensa nEle, uma experiência mais completa de Sua suficiência. A tempestade nos sopra bem quando nos sopra em Seu peito, e a tristeza nos enriquece, o que quer que possa levar, o que nos dá a posse mais completa e segura de Jesus.

segura de Jesus.

Mas, quando estamos vivendo em comunhão com Jesus, essa união funciona em duas direções, e, por um lado, podemos, humildemente, nos aventurar a sentir que nossos sofrimentos por Ele são sofrimentos com Ele, também podemos sentir que em todos nossa aflição Ele é afligido. Se os sofrimentos dele são nossos, podemos ter certeza de que os nossos são dele. E quão diferentes eles se tornam quando temos certeza de Sua simpatia! É possível que tenhamos um tipo de consciência comum com nosso

consciência comum com nosso Senhor, se nossos corações e vontades inteiros forem mantidos em íntimo contato com Ele, para que, em nossa experiência, possa haver uma repetição em uma forma superior dessa estranha experiência alegada por esteja familiarizado com o hipnotismo, onde o amargo de uma boca é provado em outra.

Portanto, o que devemos fazer é nosso objetivo é que, em nossas vidas, nosso crescente conhecimento de Cristo leve aos dois resultados, tão inexoravelmente entrelaçados,

de morte diária e ressurreição diária, e que sejamos fiéis a Ele, para que nosso exterior os sofrimentos podem ser causados por nossa união com Ele, e não por nossa própria falta de fé, e podem ser discernidos por nós como comunhão com os Seus. Então também sentiremos que Ele carrega o nosso conosco, e a própria tristeza será acalmada e embelezada em uma bem-aventurança silenciosa, quando o frio se eleva quando a manhã os atinge, brilha com um suave tom de rosa e parece suave e quente, embora sejam rochas

sombrias. e neve gelada. Então, algum eco fraco de Sua história 'que conhecia a tristeza' pode ser audível em nossas vidas externas e nós também podemos ter nosso Getsêmani e nosso Calvário. Pode não ser uma presunção em nós dizer 'Somos capazes' quando Ele pergunta 'Você pode beber o copo que eu bebo'? nem terror ao ouvi-lo profetizar: 'Certamente bebereis do cálice que eu bebo', pois nos lembraremos de 'co-herdeiros em Cristo, se é que sofremos com Ele, para que também sejamos glorificados juntos'.

IV O fim alcançado.

A vida cristã como aqui se manifesta é mesmo nas suas formas mais elevadas manifestamente incompletas. É uma luz refletida e, como a luz refletida nos céus, avança em graus imperceptíveis para preencher toda a esfera prateada. Pode ser 'e'en em suas imperfeições bonitas', mas certamente tem 'uma borda irregular'. A forma hipotética das últimas palavras do nosso texto não implica tanto uma dúvida da possibilidade de alcançar o resultado como o reconhecimento da condição

indispensável do esforço por parte de quem o alcança. Esse esforço a ser realizado é certo.

A Versão Revisada faz uma leve correção que envolve um grande assunto, ao ler 'a ressurreição dos mortos'. É necessário insistir nessa mudança na prestação, não porque implica que apenas os santos são ressuscitados, mas porque Paulo está pensando naquela primeira ressurreição da qual o Novo Testamento habitualmente fala. 'Os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro', como ele próprio declarou em sua primeira

declarou em sua primeira
epístola, e o vidente no Apocalipse derramará uma bênção sobre 'aquele que participa da primeira ressurreição'. Nosso conhecimento desse futuro solene é tão fragmentário que não podemos ousar extrair inferências dogmáticas do pouco que nos foi declarado, mas não podemos esquecer as palavras distintas de Jesus nas quais Ele não apenas declara claramente uma ressurreição universal, mas também claramente. proclama que ela se divide em duas partes, uma "ressurreição da vida" e outra

"ressurreição do julgamento". A primeira pode muito bem ser o objetivo final de uma vida cristã: a segunda é um destino que alguém pensaria que nenhum homem são provocaria deliberadamente. Cada um carrega em seu nome sua característica dominante, uma cheia de atratividade, a outra revelando profundezas de vergonha e punições punitivas que podem apavorar o coração mais forte.

Esta ressurreição da vida é o último resultado do poder da ressurreição de Cristo recebido e trabalhando no espírito

e trabalhando no espírito humano. É bastante claro que, se o Espírito Dele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em nós, não há prazo para suas operações até que nossos corpos mortais também sejam vivificados pelo Seu Espírito que habita em nós. A ressurreição ética e espiritual na vida presente encontra sua conclusão na ressurreição corporal no futuro. Não pode ser que a transformação realizada na vida humana seja completa até que ela flua para fora e penetre toda a masculinidade, corpo, alma e espírito. Cada uma das três

medidas da refeição deve ser influenciada antes que 'o todo seja fermentado'. Se considerarmos devidamente os elementos necessários para uma perfeita realização do ideal divino da humanidade, discerniremos que a redenção deve ter um evangelho para trazer ao corpo, bem como ao espírito. Tudo o que foi devastado pelo pecado deve ser curado por Jesus. Não é necessário supor que o corpo que morre é o corpo que ressuscita, e sim a série de antíteses do apóstolo entre o que é semeado e o que é

elevado nos leva a pensar que o corpo natural, que passou por a corrupção, e cujas partículas foram reunidas em muitas combinações diferentes, não se torna o corpo espiritual. A pessoa que morre é a pessoa que vive pela morte e assume o corpo da ressurreição, e é a pessoa, não os elementos que compõem a personalidade, de quem se fala que ressuscitou dos mortos. A roupa pode ser diferente, mas o usuário é o mesmo.

Portanto, a ressurreição dos mortos é o fim de uma vida sobrenatural iniciada aqui e

destinada a culminar no futuro. É o último passo na manifestação do nosso ser em Cristo, e assim está sendo preparado aqui para cada passo adiantado na conquista de Jesus. Deve ser sempre antes de toda alma cristã que a participação em Cristo no futuro é condicionada pelo seu progresso em semelhança com Ele aqui. A ressurreição dos mortos não é um presente que pode ser concedido à parte do estado moral de um homem. Se ele morre sem ter conhecimento por experiência do poder da Ressurreição de Cristo, não há

nada no fato da morte que lhe dê esse conhecimento, e é impossível trazer 'qualquer meio' a ele, com o qual ele alcançará o poder. a 'ressurreição dos mortos'. Se Deus pudesse dar esse presente independentemente das relações de um homem com Jesus, ele o daria a todos. Vamos nos perguntar, então, não vale a pena tornar o objetivo dominante de nossas vidas o mesmo que o de Paulo? Como está nossa conta então? Não somos comerciantes sábios que apresentam um bom balanço quando mostramos, de um lado,

a perda de todas as coisas e, de outro, a conquista de Cristo, e a conquista da ressurreição dos mortos, a perfeita transformação do corpo, da alma e espírito, à semelhança perfeita do Senhor perfeito? O outro balanço mostra o homem como igualmente solvente que entra de um lado o ganho de um mundo e, de outro, uma vida sem Cristo, a ser seguido por uma ressurreição na qual não há alegria, nem avanço, nem vida, mas qual é uma ressurreição de julgamento? Que todos sejamos achados nele, e alcancemos a ressurreição dentre os mortos!

ressurreição dentre os mortos.

Comentário conciso de Matthew Henry

3: 1-11 Os cristãos sinceros se regozijam em Cristo Jesus. O profeta chama os falsos profetas de cães burros, Isa 56:10; a que o apóstolo parece se referir. Cães, por sua malícia contra professores fiéis do evangelho de Cristo, latindo para eles e mordendo-os. Eles pediram obras humanas em oposição à fé de Cristo; mas Paulo os chama de maus trabalhadores. Ele os chama de concisão; como eles alugam a igreja de Cristo e a cortam em pedaços. A obra da

a cortam em pedaços. A obra da religião não tem propósito, a menos que o coração esteja nela, e devemos adorar a Deus na força e graça do Espírito Divino. Eles se regozijam em Cristo Jesus, não em meros prazeres e performances exteriores. Também não podemos nos guardar com sinceridade contra aqueles que se opõem ou abusam da doutrina da salvação gratuita. Se o apóstolo tivesse glorificado e confiado na carne, ele tinha tanta causa quanto qualquer homem. Mas as coisas que ele contou ganharam enquanto fariseu, e haviam calculado,

aquelas que ele contou como perda para Cristo. O apóstolo não os convenceu a fazer nada além do que ele próprio fez; ou aventurar-se em qualquer coisa que não aquela em que ele próprio aventurou sua alma que nunca morre. Ele considerou todas essas coisas apenas como perda, em comparação com o conhecimento de Cristo, pela fé em sua pessoa e na salvação. Ele fala de todos os prazeres mundanos e privilégios externos que buscavam um lugar com Cristo em seu coração, ou podiam fingir qualquer mérito e deserto, e os consideravam

apenas perda; mas pode-se dizer: é fácil dizer isso; mas o que ele faria quando chegasse ao julgamento? Ele sofreu a perda de todos pelos privilégios de um cristão. Não, ele não apenas considerou a perda, mas o mais vil recusador, miudezas atiradas aos cães; não apenas menos valioso que Cristo, mas no mais alto grau desprezível, quando colocado contra ele. O verdadeiro conhecimento de Cristo altera e muda os homens, seus julgamentos e maneiras, e os faz como se fossem feitos novamente. O crente prefere a Cristo, sabendo que é melhor

ficarmos sem todas as riquezas do mundo, do que sem Cristo e sua palavra. Vamos ver o que o apóstolo decidiu se apegar, e isso era Cristo e o céu. Somos desfeitos, sem justiça, onde aparecer diante de Deus, pois somos culpados. Existe uma justiça provida para nós em Jesus Cristo, e é uma justiça completa e perfeita. Ninguém pode se beneficiar disso, que confia em si mesmo. A fé é o meio designado para aplicar o benefício salvífico. É pela fé no sangue de Cristo. Somos feitos conformáveis à morte de Cristo, quando morremos para pecar, como ele morreu pelo pecado; e

como ele morreu pelo pecado, e o mundo é crucificado para nós, e nós para o mundo, pela cruz de Cristo. O apóstolo estava disposto a fazer ou sofrer qualquer coisa, alcançar a gloriosa ressurreição dos santos. Essa esperança e perspectiva o levaram a todas as dificuldades em seu trabalho. Ele não esperava alcançá-lo através de seu próprio mérito e justiça, mas através do mérito e justiça de Jesus Cristo.

Notas de Barnes sobre a Bíblia

Que eu possa conhecê-lo - Que eu possa estar totalmente

eu possa estar totalmente familiarizado com sua natureza, seu caráter, seu trabalho e com a salvação que ele realizou. É um dos mais altos objetos de desejo na mente do cristão conhecer a Cristo; veja as notas em Efésios 3:19 .

E o poder de sua ressurreição - isto é, para que eu possa entender e experimentar a influência apropriada que o fato de sua ressurreição deve ter na mente. Essa influência ele sentiu ao transmitir a esperança da imortalidade; em sustentar a alma na perspectiva da morte, pela expectativa de ser

ressuscitado da sepultura da mesma maneira; e em elevar a mente acima do mundo; Romanos 6:11 . Não existe uma verdade que tenha maior poder sobre nós, quando crida corretamente, do que a verdade de que Cristo ressuscitou dos mortos. Sua ressurreição confirma a verdade da religião cristã (notas, 1 Coríntios 15); assegura que existe um estado futuro e que os mortos também ressuscitarão; dissipa as trevas que estavam ao redor da sepultura e mostra que nossos grandes interesses estão no mundo futuro. O fato de Cristo

ter ressuscitado dentre os mortos, quando plenamente crido, produzirá uma esperança certa de que também seremos ressuscitados e nos animará a suportar provações por ele, com a certeza de que seremos ressuscitados como ele era. Uma das coisas que um cristão deve sinceramente desejar é sentir o poder dessa verdade em sua alma - que seu grande Redentor rompeu as cordas da morte; trouxe vida e imortalidade à luz e nos deu a promessa de que nossos corpos ressuscitarão. Que provações podemos não suportar com essa garantia? O que deve ser

essa garantia? O que deve ser temido na morte, se é assim? Que glórias surgem quando pensamos na ressurreição! E que ninharias são todas as coisas que as pessoas buscam aqui, quando comparadas com a glória que será nossa quando ressuscitarmos dos mortos!

E a comunhão de seus sofrimentos - para que eu possa participar do mesmo tipo de sofrimentos que ele sofreu; isto é, para que eu possa em todas as coisas ser identificado com ele. Paulo desejava ser como seu Salvador. Ele sentiu que era uma honra viver como ele;

evidenciar o espírito que ele fez e sofrer da mesma maneira. Tudo o que Cristo fez e sofreu foi glorioso em sua opinião, e ele desejava em todas as coisas se assemelhar a ele. Ele não desejava apenas compartilhar suas honras e triunfos no céu, mas, considerando todo o seu trabalho glorioso, desejava estar totalmente em conformidade com isso e, na medida do possível, ser exatamente como Cristo. Muitos estão dispostos a reinar com Cristo, pois não estariam dispostos a sofrer com ele; muitos estariam dispostos a usar uma coroa de glória como

ele, mas não a coroa de espinhos; muitos estariam dispostos a vestir os mantos de esplendor que serão usados no céu, mas não o manto escarlate de desprezo e zombaria.

Eles desejariam compartilhar as glórias e triunfos da redenção, mas não sua pobreza, desprezo e perseguição. Este não era o sentimento de Paulo. Ele desejava em todas as coisas ser como Cristo, e, portanto, considerou uma honra poder sofrer como ele. Então Pedro diz: "Alegrai-vos, pois sois participantes dos sofrimentos de Cristo"; 1 Pedro 4:13 . Assim,

Paulo diz Colossenses 1:24 que se regozijou em seus sofrimentos em favor de seus irmãos, e desejou "preencher o que estava por trás das aflições de Cristo" ou aquilo em que ele até agora havia ficado aquém das aflições que Cristo suportou. A idéia é que é uma honra sofrer como Cristo sofreu; and that the true Christian will esteem it a privilege to be made just like him, not only in glory, but in trial. To do this, is one evidence of piety; and we may ask ourselves, therefore, whether these are the feelings of our hearts. Are we seeking merely

the honors of heaven, or should we esteem it a privilege to be reproached and reviled as Christ was - to have our names cast out as his was - to be made the object of sport and derision as he was - and to be held up to the contempt of a world as he was? If so, it is an evidence that we love him; if not so, and we are merely seeking the crown of glory, we should doubt whether we have ever known anything of the nature of true religion.

Being made conformable to his death - In all things, being just like Christ - to live as he did, and to die as he did. There can be no

to die as he did. There can be no doubt that Paul means to say that he esteemed it so desirable to be just like Christ, that he would regard it as an honor to die in the same manner. He would rejoice to go with him to the cross, and to pass through the circumstances of scorn and pain which attended such a death. Yet how few there are who would be willing to die as Christ died, and how little would the mass of people regard it as a privilege and honor! Indeed, it requires an elevated state of pious feeling to be able to say that it would be regarded as a privilege and honor to die like

privilege and honor to die like Christ to have such a sense of the loveliness of his character in all things, and such ardent attachment to him, as to rejoice in the opportunity of dying as he did! When we think of dying, we wish to have our departure made as comfortable as possible. We would have our sun go down without a cloud. We would wish to lie on a bed of down; we would have our head sustained by the kind arm of a friend, and not left to fall, in the intensity of suffering, on the breast; we would wish to have the place where we die surrounded by sympathizing

kindred, and not by those who would mock our dying agonies. And, if such is the will of God, it is not improper to desire that our end may be peaceful and happy; but we should also feel, if God should order it otherwise, that it would be an honor, in the cause of the Redeemer, to die amidst reproaches - to be led to the stake, as the martyrs have been - or to die, as our Master did, on a cross. They who are most like him in the scenes of humiliation here, will be most like him in the realms of glory.

Comentário da Bíblia de

10. Que eu possa conhecê-lo - experimentalmente. O objetivo da "justiça" que acabamos de mencionar. Este versículo resume e explica mais detalhadamente "a excelência do conhecimento de Cristo" (Filipenses 3: 8). Conhecê-lo é mais do que apenas conhecer uma doutrina sobre ele. Os crentes são levados não apenas à redenção, mas ao próprio Redentor.

o poder de sua ressurreição - assegurando aos crentes sua justificação (Ro 4:25; 1Co 15:17)

e levantando-os espiritualmente com Ele, em virtude de sua identificação com Ele nisto, como em todos os atos de Sua obra redentora para nós (Ro 6: 4; Col 2:12; 3: 1). O poder do Espírito Divino, que O ressuscitou da morte literal, é o mesmo que eleva os crentes da morte espiritual agora (Ef 1:19, 20), e ressuscita seus corpos da morte literal no futuro (Romanos 8:11).

the fellowship of his sufferings —by identification with Him in His sufferings and death, by imputation; also, in actually bearing the cross whatever is

laid on us, after His example, and so "filling up that which is behind of the afflictions of Christ" (Col 1:24); and in the will to bear aught for His sake (Mt 10:38; 16:24; 2Ti 2:11). As He bore all our sufferings (Isa 53:4), so we participate in His.

made conformable unto his death—"conformed to the likeness of His death," namely, by continued sufferings for His sake, and mortifying of the carnal self (Ro 8:29; 1Co 15:31; 2Co 4:10-12; Ga 2:20).

Comentários de Matthew Poole

Poole

Para que eu o conheça; como conseqüência do primeiro que ele ganhou por Cristo, ele aqui insiste na santificação, que resultaria da fé se esforçando em um conhecimento experimental e salvador adicional de Cristo, a ser encontrado em quem, ele desvalorizou tudo, além da coniformidade com Cristo em santidade, sendo ter comunhão com ele em retidão, 1 Coríntios 1:30 ; Deus tendo designado aqueles que são encontrados em Cristo, para serem conformes à sua imagem em

santidade, **Romanos 8:29 2 Coríntios 3:18** . Esse conhecimento salvífico é expresso em outras partes das Escrituras pelos sentidos, **João 10: 4 2 Coríntios 2:14 4: 6 Efésios 1:18 1 Pedro 2: 3** . Todos e somente aqueles encontrados em Cristo o conhecem,**João 5:20 6: 46,69 Hb 8:11** ; e deseja conhecê-lo, **Filipenses 1: 9** , para que eles tenham um senso vivo de seu poder, comunhão e conformidade. **O poder de sua ressurreição;** o poder de sua ressurreição em nós; isto é, da morte da alma, sob a privação da vida espiritual, e da imagem de Deus, até a novidade da vida

de Deus, até a novidade da vida, pela operação eficaz do mesmo Espírito que ressuscitou o próprio Cristo dentre os mortos, Romanos 6: 4 , **10 Ef 1 : 20 2: 5,6** ; chamada *a primeira ressurreição,* **Apocalipse 20: 5** ; quando a alma é levantada sob o domínio do pecado onde estava. **A comunhão de seus sofrimentos;**

por comunhão dos sofrimentos de Cristo, não se destina a participar do mérito de seus sofrimentos pessoais, mas a participar de seus sofrimentos em seus membros, ou corpo

místico, interno ou externo (embora principalmente), Mateus 20: 23 Atos 9: 4 Romanos 8:17 2 Coríntios 1: 7 **4: 10,11 Ga 5:24** Colossenses 1:24 2 Timóteo 2:11 , **12 . Sendo adaptável até a sua morte;** alguns leem, embora adaptados à sua morte, não apenas morrendo de pecado, Romanos 6: 5 , **6** , mas também sendo conformados à sua imagem no sofrimento, Romanos 8:29 ; morrendo diariamente, ou sempre vivendo prontos para serem entregues à morte por causa de Jesus, a seu chamado,

Romanos 8:18 2 Coríntios 4:11 .

Tal era o seu temperamento cristão, que ele podia alegremente sofrer sofrimentos por causa de alguma comunhão e conformidade que tinha neles com Jesus Cristo.

Exposição de Gill de toda a Bíblia

Para que eu o conheça, ... A versão etíope diz "pela fé"; e no mesmo sentido, o siríaco. O apóstolo conhecia a Cristo, e isso anos atrás; ele sabia em quem havia acreditado; ele o conhecia por si mesmo; ele conhecia seu interesse pessoal nele; nem ele o conhecia no

negócio da salvação; mas seu conhecimento de Cristo, embora fosse muito grande, era imperfeito; ele sabia, em parte, e, portanto, desejava conhecer mais a respeito de Cristo, dos mistérios e glórias de sua pessoa, das riquezas insondáveis de sua graça, de sua grande salvação e dos benefícios dela, de seu amor, que passa perfeito. conhecimento e ter uma experiência renovada e ampliada de comunhão com ele. O apóstolo aqui explica o que ele quer dizer com ganhar a Cristo, pelo qual sofreu a perda

de todas as coisas, e as contou apenas como esterco; isso foi,para que ele alcance um maior conhecimento da pessoa e graça de Cristo:

and the power of his resurrection; not that power which was put forth by his Father, and by himself, in raising him from the dead; but the virtue which arises from it, and the influence it has on many things; as on the resurrection of the saints: it is the procuring cause of it, they shall rise by virtue of union to a risen Jesus; it is the firstfruits, which is the earnest and pledge of their

earnest and pledge of their resurrection, as sure as Christ is risen, so sure shall they rise; it is the exemplar and pattern of theirs, their bodies will be raised and fashioned like to the glorious body of Christ; and this the apostle desired to know, experience, and attain unto. Christ's resurrection has an influence also on the justification of his people; when Christ died he had the sins of them all upon him, and he died for them, and discharged as their public head and representative, and they in him: hence it is said of him, that "he was raised again for our

justification", Romans 4:25 . Now, though the apostle was acquainted with this virtue and influence of Christ's resurrection, he desired to know more of it, for the encouragement of his faith to live upon Christ, as the Lord his righteousness. Moreover, the regeneration of men is owing to the resurrection of Christ; as to the abundant mercy of God, as the moving cause, so to the resurrection of Christ, as the means or virtual cause; and therefore are said to be "begotten again by the resurrection of Christ from the

dead", 1 Peter 1:3 . This power and virtue the apostle had had an experience of, yet he wanted to feel more of it, in exciting the graces of the spirit to a lively exercise, in raising his affections, and setting them on things above, and in engaging him to seek after them, and set light by things on earth, and in causing him to walk in newness of life, in likeness or imitation of Christ's resurrection, to all which that strongly animates and encourages; see Colossians 3:1 .

And the fellowship of his sufferings; either his personal sufferings, and so signifies a

sufferings, and so signifies a sharing in, and a participation of the benefits arising from them; such as reconciliation for sin, peace with God, pardon, righteousness, nearness to God, &c. or the sufferings of his members for him, and with him, and which Christ reckons his own: these the apostle was willing to take his part in, and lot of, knowing, that those that are partakers of his sufferings in this sense, shall reign with him, and be glorified together. What the Jews deprecated, the apostle was desirous of; namely, sharing in the sorrows and sufferings of the Messiah, and which they

reckon the greatest happiness to be delivered from,

"The disciples of R. Eleazar (y) asked him, what a man should do that he may be delivered , "from the sorrows of the Messiah?" he must study in the law, and in beneficence.

And elsewhere they say (z),

"he that keeps the three meals on the sabbath day shall be delivered from three punishments, , "from the sorrows of the Messiah", and from the damnation of hell, and from the war of Gog and

Magog.

But our apostle rejoiced in his sufferings for Christ, and was desirous of filling up the afflictions of Christ in his flesh, for his body's sake, the church:

being made conformable unto his death; either in a spiritual sense dying daily unto sin, 1 Corinthians 15:31 , having the affections, with the lusts, crucified, Galatians 5:24 , and the deeds of the body mortified, Romans 8:13 , and so planted in the likeness of his death, Romans 6:5 ; or rather in a corporeal sense, bearing always

corporeal sense, bearing always in the body the dying of the Lord Jesus, 2 Corinthians 4:10 , and being continually exposed to death for his sake, and ready to suffer it whenever called to it,

(y) T. Bab. Sanhedrin, fol. 98. 2.
((z) T. Bab. Sabbat, fol. 118. 1. See Cetubot, fol. 111. 1.

Geneva Study Bible

{5} That I may {i} know him, and the power of his resurrection, and the {6} fellowship of his sufferings, being made conformable unto his death;

(5) This is the end of

righteousness by faith with regard to us, that by the power of his resurrection we may escape from death.

(i) That I may indeed feel him, and have an experience of him.

(6) The way to that eternal salvation is to follow Christ's steps by afflictions and persecutions, until we come to Christ himself, who is our mark at which we aim, and receive that reward to which God calls us in him. And the apostle sets these true exercises of godliness against those vain ceremonies of the Law, in which the false

apostles put the sum of godliness.

EXEGÉTICO (LÍNGUAS ORIGINAIS)

Comentário de Meyer sobre o NT

Php 3:10 . Telic definition of the relation expressed by μὴ ἔχων κ . τ . λ . in Php 3:9 . Paul has not the righteousness of the law, but the righteousness of faith, *in order to know* , etc. This knowledge would fail him if, on the contrary, instead of the righteousness of faith, he had that of the law. So he reverts to

a more detailed illustration of **τὸ ὑπερέχον τῆς γνώσεως Χ** ., Php 3:8 , expressing, in the first place, again generally the great *personal* contents of the knowledge accruing from the righteousness of faith (**τοῦ γνῶναι αὐτόν**), and next, more particularly, the most important—especially to the apostle in his position infinitely important—*matters* which were its objects (**τὴν δύναμιν κ . τ . λ** .), developing them from his own richest experience, which had thus brought home to his deepest consciousness the **ὑπερέχον τῆς γνώσεως Χ** . The **τοῦ γνῶναι** might

also be conceived as dependent on **εὑρεθῶ ἐν αὐτῷ** (Wiesinger, Schneckenburger, Schenkel); but the more precise definition of this **εὑρεθῶ ἐν αὐτῷ** by **μὴ ἔχων κ . τ . λ .** is so important, earnest, and solemn, that it most naturally carries with it also the statement of aim which follows. Chrysostom joins **ἐπὶ τῇ πίστει** to Php 3:10 : **τί δέ ἐστὶν ἐπὶ τῇ πίστει τοῦ γνῶναι αὐτόν ; ἄρα διὰ πίστεως ἡ γνῶσις , καὶ πίστεως ἄνευ γνῶναι αὐτὸν οὐκ ἔστι .** So also Theodoret and Erasmus, and recently Hofmann (comp. also his *Schriftbew* . I. p. 618), who, in doing so, takes **ἐπί** in

and by itself correctly as *on the ground* of faith. But such cases of emphatic prefixing, while they are certainly found with **ἵνα** (see on Galatians 2:10 ; Ephesians 3:18), are not found *before* the genitive of the infinitive with the article, which represents the expression with **ἵνα** , but in such infinitive clauses only *between* article and infinitive; hence Paul would have written **τοῦ ἐπὶ τῇ πίστει γνῶναι** . Comp. Romans 8:12 ; 1 Corinthians 16:4 . Hofmann improperly appeals, not any longer indeed to Revelation 12:7 , but, doing violence to the position of the

words in the LXX., to 2 Samuel 6:2 ; Isaiah 10:32 . According to Castalio, Calvin, Grotius, Bengel, and others, the genitive **τοῦ γν** . is meant to depend on **τῇ πίστει** ; "describit *vim et naturam fidei* , quod scilicet sit Christi cognitio" (Calvin). But **πίστις** is never joined with the genitive of the *infinitive* with the article; and, besides, not the nature, but the object of the faith (Php 3:9) would be denoted by the genitive (Colossians 2:12 ; 2 Thessalonians 2:13 , *et al* .). Nor is **τοῦ γνῶναι αὐτόν** to be regarded as parallel with **ἵνα Χ** . **κερδήσω κ . εὑρ . ἐν αὐτῷ** (Estius,

Storr, Heinrichs, and others, including Rheinwald, Hoelemann, Rilliet, de Wette, Winer), since it is in itself arbitrary to despise the appropriate dependence on what immediately precedes, and to go back instead to ἡγοῦμαι σκύβαλα εἶναι ; and since in ἵνα Χριστὸν κερδ . κ . εὑρεθῶ ἐν αὐτῷ two elements are given, a subjective and an objective one, so that thus there would be presented no parallel *corresponding* with the subjective τοῦ γνῶναι κ . τ . λ . Moreover, Paul is in the habit of introducing two parallel clauses of design *with a double* ἵνα (

of design *with a double* **ἵνα** (Romans 7:13 ; Galatians 3:14 ; 2 Corinthians 9:3).

The **γνῶναι** , which both conditions the faith and also in fuller development follows it (see on Php 3:8), is not the discursive, or generally theoretical and speculative knowing, but the inwardly salutary, *experimental* becoming-acquainted-with ("qui *expertus* non fuerit, non *intelliget* ," Anselm), as is plain from **τὴν δύναμιν κ . τ . λ .** Comp. 1 Corinthians 2:8 ; 1 Corinthians 8:2 ; Galatians 4:9 , *et al.;* frequently so used in John. See

also Weiss, *bibl. Theol* . p. 421, ed. 2)

καὶ τὴν δύναμιν τῆς ἀναστ . αὐτοῦ καὶ τ . κοινων . τ . παθ . αὐτ .] *and* (that is, and especially) *the power of His resurrection and the fellowship of His sufferings* . The **δύναμ . τ . ἀναστ . αὐτ .** is not the power *by which He has been raised* (Vatablus, Grotius; comp. Matthies), which would be quite unsuitable to the context, but the power *which the resurrection of Christ has* , its *vis el efficacia* in respect to believers. The special point that Paul has in view, is supplied by the context through what is said immediately before

of the righteousness of faith, to which τοῦ γνῶναι κ . τ . λ . refers. He means the *powerful guarantee of justification and salvation* which the resurrection of Christ affords to believers; see Romans 4:25 ; Romans 5:10 ; 1 Corinthians 15:17 ; Acts 13:37-38 . This power of the resurrection is experienced, not by him that is righteous through the law, but by him that is righteous through faith, to whom the resurrection of the Lord brings the constant energetic certainty of his reconciliation procured by Jesus' death and the completion of

eternal life (Romans 8:11 ; 1 Corinthians 6:14 ; Colossians 3:1 ff.; Php 3:21). Comp. also Romans 8:34 , where this **δύναμις τῆς ἀναστ** . *is triumphant* in the apostle. As a matter of course, this power, in virtue of which the resurrection of Christ, according to 1 Corinthians 15:17 , Romans 4:25 , might be described as "complementum redemtionis" (Calvin), is already in regeneration experimentally known, as is Christ generally (**αὐτόν**); but Paul speaks from the consciousness that every element of the regenerate life, which has **τὴν ἐκ Θεοῦ**

δικαιοσύνην ἐπὶ τῇ πίστει , is an ever *new* perception of this power. The view which understands it of the *moral* power of *awakening* (Beza and others, also van Hengel; comp. Rilliet), according to Romans 6:4 , Colossians 2:12 , or the *living power of victory* , which lies for the believer in the resurrection of Christ, according to 2 Corinthians 4:10 , Galatians 2:20 , Php 4:13 ,—by means of which the Christian, "through his glorified Lord, himself also possesses an infinite new power of acquiring victory over the world and death" (Ewald, comp.

de Wette, Schneckenburger, Wiesinger, Schenkel; substantially also Hofmann),—does not accord either with the words themselves (for so understood it would be *the power of the risen Christ* , not the power *of His resurrection*), or with the following κ . τὴν κοινωνίαν τῶν παθημ . αὐτοῦ , which, in a logical point of view (comp. 2 Corinthians 4:10-12), must either have gone before, or have been expressed by ἐν τῇ κοινωνίᾳ κ . τ . λ . The *certainty of our own resurrection and glory* (Estius, Cornelius a Lapide, Storr, Heinrichs, Hoelemann, and others; comp. Pelagius,

others; comp. Pelagius, Theodore of Mopsuestia, Theodoret, and Theophylact) is necessarily *included* also in the **δύναμις** , without, however, being exclusively meant. By the *series sermonis* Bengel (comp. Samuel Crell) has allowed himself to be misled into explaining **ἀνάστασις** , not of the resurrection at all, but of the *exortus* or *adventus* of the Messiah. References *of various kinds* are mixed up by Rheinwald, Flatt, Schinz, Usteri, and others.

καὶ τὴν κοινων . τῶν παθημ . αὐτοῦ] In these words Paul intends to

express—and he does so by the repetition of the article with a certain solemnity—a second, highly valuable relation, conditioned by the first, to the experimental knowledge of which the possession of the righteousness of faith was destined to lead him, namely, *the fellowship of the sufferings of Christ* , in which he sees a high proof of divine grace and distinction (Php 1:29 , Php 2:17 f.). Comp. Colossenses 1:24 . Suffering for the sake of Christ's cause is a *participation in Christ's sufferings* (a **συμπάσχειν** , Romans 8:17), because, as

respects the characteristic kind and way of suffering, one suffers the same that Christ suffered (according to the ethical category, drinks of the same cup which Christ drank, Matthew 20:22). Comp. 1 Peter 4:13 , and see on 2 Corinthians 1:5 ,

Testamento Grego do Expositor

Php 3:10-11 .—CONFORMITY TO CHRIST'S DEATH AND RESURRECTION.

Bíblia de Cambridge para escolas e faculdades

10) *That* I *may know him*] **In order to know Him** . For the construction, cp. eg 1 Corinthians 10:13 .—Observe the sequence of thought. He embraces “the righteousness which is of God on terms of faith,” and renounces “a righteousness of his own” *as a means to the end here stated* —the spiritual knowledge of Christ and of His power to sanctify and glorify by assimilation to Himself. In order to that end, he thankfully “submits Himself to the righteousness of God” (Romans 10:3 ; cp. 1 Peter 1:2); accepts the Divine justification

for the merit's sake of Jesus Christ alone; knowing, with the intuition of a soul enlightened by grace, that in such submission lies the secret of such assimilation. Welcoming Christ as his one ground of peace with God, he not only enters at the same time on spiritual contact with Christ as Life from God, but also gets such a view of himself and his Redeemer as to affect profoundly his whole intercourse with Christ, and the effects of that intercourse on his being.

Php 3:10 is thus by no means a

restatement of Php 3:9 . It gives another range of thought and truth, in deep and strong connexion. To use a convenient classification, Php 3:9 deals with Justification, Php 3:10 with Sanctification in relation to it.

"That I may know Him": —the Greek seems to imply a *decisive act* of knowledge rather than a process. A lifelong process is sure to result from the act; for the Object of the act "passeth knowledge" (Ephesians 3:19). But the act, the decisive *getting acquainted with* what Christ is, is in immediate view. A far-reaching insight into Him in His

glory of grace has a natural connexion with the spiritual act of submissive faith in Him as our Sacrifice and Righteousness. CP. John 6:56 .

On this “knowledge” of recognition and intuition, cp. Php 3:8 , and notes.

the power of his resurrection] A phrase difficult to exhaust in exposition. The Lord's Resurrection is spiritually powerful as (*a*) evidencing the justification of believers (Romans 4:24-25 , and by all means cp. 1 Corinthians 15:14 ; 1 Corinthians 15:17-18); as (*b*)

assuring them of their own bodily resurrection (1 Corinthians 15:20 , &c.; 1 Thessalonians 4:14); and yet more as (*c*) being that which constituted Him actually the life-giving Second Adam, the Giver of the Spirit who unites the members to Him the Vital Head (John 7:39 ; John 20:22 ; Acts 2:33 ; cp. Ephesians 4:4-16). This latter aspect of truth is prominent in the Epistles to Ephesus and Colossæ, written at nearly the same period of St Paul's apostolic work; and we have here, very probably, a passing hint of what is unfolded

there. The thought of the Lord's Resurrection is suggested here to his mind by the thought, not expressed but implied in the previous context, of the Atoning Death on which it followed as the Divine result.

This passage indicates the great truth that while our acceptance in Christ is always based upon His propitiatory work for us, our power for service and endurance in His name is vitally connected with His life as the Risen One, made ours by the Holy Spirit.

CP. further Romans 5:10 ; Romans 6:4,11 ; Romans 7:4 ;

Romans 6:4-11 ; Romans 7:4 ; Romans 8:11 ; 2 Corinthians 4:10 ; Ephesians 2:6 ; Colossians 3:1-4 ; Hebrews 13:20-21 .

the fellowship of his sufferings] Entrance, in measure, into His experience as the Sufferer. The thought recurs to the Cross, but in connexion now with Example, not with Atonement. St Paul deals with the fact that the Lord who has redeemed him has done it at the severest cost of pain; and that a moral and spiritual necessity calls His redeemed ones, who are united vitally to Him, to "carry the cross," in their measure, for His

sake, in His track, and by His Spirit's power. And he implies that this cross bearing, whatever is its special form, this acceptance of affliction of any sort as for and from Him, is a deep secret of entrance into spiritual intimacy with Christ; into “knowledge of Him.” Cp. further Romans 8:17 ; Romans 8:37 ; 2 Corinthians 1:5 ; 2 Corinthians 4:11 ; 2 Corinthians 12:9-10 ; Colossenses 1:24 ; 2 Timóteo 2:12 ; 1 Peter 4:13 ; Revelation 3:10 .

being made conformable] Better, with RV, **becoming conformed** . The Greek construction is free,

but clear.—The Lord's Death as the supreme expression of His love and of His holiness, and the supreme act of His surrender to the Father's will, draws the soul of the Apostle with spiritual magnetic force to desire, and to experience, assimilation of character to Him who endured it. The holy Atonement wrought by it is not here in direct view; he is full of the thought of the revelation of the Saviour through His Passion, and of the bliss of harmony in will with Him so revealed. No doubt the Atonement is not forgotten; for the inner glory of the Lord's

Death as Example is never fully seen apart from a sight of its propitiatory purpose. But the immediate thought is that of spiritual harmony with the dying Lord's state of will. CP. 2 Corinthians 4:10 .

Gnomen de Bengel

Php 3:10 . **Τοῦ γνῶναι** , *that I may know*) The genitive, **τοῦ** , is connected with **πίστει** , *faith;* and resumes the mention of **τῆς γνώσεως** , *knowledge* , made at Php 3:8 , and now to be more fully explained.— **αὐτὸν**) *Him* .— **δύναμιν** , *the power*) Romans 1:4 .— **τῆς ἀναστάσεως αὐτοῦ**) It is

consonant to the order of the discourse that the verbal noun **ἀνάστασις** should be taken, not for the resurrection from the dead, which is expressed in Php 3:11 with a change of the word [**ἐξανάστασιν**], but of the *rising* of Christ, Hebrews 7:14 [The Lord *sprang out* of Juda], as the verb **ἀναστῆσαι** is used in Acts 13:32 , where see the note [**ἀνάστησας Ἰησοῦν** —“quum suscitavit et nobis *prœsentem exhibuit;* ” adding that this absolute 'suscitatio' is distinct from the “suscitatio e mortuis”]. For **ἀνάστασις** is not always put for the resurrection of the dead,

Luke 2:34 [**ἀνάστασιν πολλῶν ἐν τῷ Ἰσραὴλ** , the spiritual *rising again* , etc., not their actual resurrection], (Luke 7:16); Lamentations 3:63 ; Zephaniah 3:8 ; and truly the very rising or coming of the Messiah has its own *power* , on the knowledge of which believers depend, 2 Peter 1:16 .— **τὴν κοινωνίαν** , *the fellowship*) Galatians 2:20 .— **συμμορφούμενος** , *being conformed* [“made conformable”]) The nominative case after the infinitive is frequent with the Greeks, although here it may be construed with the following

finite verb [**καταντήσω**]. Believers are *conformed* by faith. Imitation is not excluded, but most assuredly follows after [conformation by faith], Galatians 3:1 , note; comp. **σύμμορφον** , *conformed, fashioned like* , Php 3:21 .

Comentários do púlpito

Verse 10. - That I may know him (τοῦ γνῶναι αὐτόν). For the grammatical construction, see Winer, sect. 44:b. For the sense, comp. John 17:3 , where Dr. Westcott notes, "In such a connection, **Knowledge** expresses the apprehension of

the truth by the whole nature of man. It is not an acquaintance with facts as external, nor an intellectual conviction of their reality, but an appropriation of them (so to speak) as an influencing power into the very being of him who **knows** them." Γινώσκειν differs from εἰδέναι : εἰδέναι is "to know," γιγνώσκειν is "to recognize" or "to become acquainted with." We must be found in Christ in order to know him; we must have that righteousness which is through the faith of Christ, for we can know him only by being made like unto him. Comp. 1 John 2:2 , "When he shall appear, we shall

"When he shall appear, we shall be like him; for we shall see him as he is;" and now those who see him by faith are in their measure being transformed into the same image. For the knowledge here spoken of is a personal knowledge, gained, not by hearing or reading, but by direct personal communion with the Lord; it is not theoretical, but experimental. "non expertus fuerit, non intelligit" (Anselm, quoted by Meyer). And the power of his resurrection . The resurrection of Christ was a glorious manifestation of Divine power (Romans 1:4). That resurrection

is now a power in the spiritual life of Christians: it stimulates the spiritual resurrection, the resurrection from the death of sin unto the life of righteousness (comp. Romans 6:4 ; Colossians 2:12). It is the center of our most cherished hopes, the evidence of our immortality, the earnest of the resurrection of the body. And the fellowship of his sufferings . This clause and the last are bound together under one article, according to the best manuscripts. There is a very close connection between them (comp. Romans 8:17 ; 2 Timothy

2:11, 12). To know the quickening power of his resurrection, we must share his sufferings. The Christian, meditating in loving thought on the sufferings of Christ, is led to feel ever a deeper, a more awful sympathy with the suffering Savior. And if, when we are called to suffer, we take it patiently, looking unto Jesus, then our sufferings are united with his sufferings, "we suffer **with** him." And he who hath borne our griefs and carried our sorrows feels for us in his sacred heart, being "touched with the feeling of our infirmities." This

fellowship in suffering leads through his grace to fellowship in glory (comp. 2 Corinthians 4:10 ; Romans 6:5). Being made conformable unto his death ; rather, as RV, **becoming conformed.** The participle is present: it implies a continual progress. It is derived from the word μορφή , form, used in Philippians 2:6 (where see note), and denotes, not a mere external resemblance, but a deep, real, inner conformity. The reference is not to the impending death of martyrdom, but to that daffy dying unto self and the world which the apostle exhibited in the heroic self-

exhibited in the heroic self-denials of his holy life: he was "crucified with Christ" (Galatians 2:20 ; comp. also 1 Corinthians 15:31).

Estudos da Palavra de Vincent

That I may know Him (τοῦ γνῶναι αὐτὸν)

Know is taken up from knowledge, Philippians 3:8 , and is joined with be found in Him, qualified by not having, etc. That I may be found in Him not having, etc., but having the righteousness which is of God so as to know him, etc.

So as to know Him, etc.

The power of His resurrection (τὴν δύναμιν τῆς ἀναστάσεως αὐτοῦ)

Power of His resurrection and fellowship of His sufferings furnish two specific points further defining the knowledge of Him. By the power of Christ's resurrection is meant the power which it exerts over believers. Here, more especially, according to the context, in assuring their present justification, and its outcome in their final glorification. See Romans 4:24 , Romans 4:25 ; Romans 8:11 , Romans 8:30 ; 1 Corinthians

Romans 8:30 ; 1 Corinthians 15:17 ; Colossians 3:4 ; Philippians 3:21 .

Fellowship of His sufferings

Participation in Christ's sufferings. See Matthew 20:22 , Matthew 20:23 ; and on Colossians 1:24 . Compare 2 Corinthians 1:5 ; 1 Pedro 4:13 . Faith makes a believer one with a suffering Christ.

Being made conformable (συμμορφιζόμενος)

Explaining the previous clause: by my becoming conformed, etc. Rev., becoming conformed.

etc. Rev., becoming conformed. Compare 2 Corinthians 4:10 ; Romans 6:5 . For conformed see on Matthew 17:2 , and see on form, Philippians 2:6 . The most radical conformity is thus indicated: not merely undergoing physical death like Christ, but conformity to the spirit and temper, the meekness and submissiveness of Christ; to His unselfish love and devotion, and His anguish over human sin.

Ligações

Filipenses 3:10 Interlinear
Filipenses 3:10 Textos paralelos
Filipenses 3:10 NVI Filipenses